

Bob Dylan em música e filosofia

Daniel Lins lança amanhã em Belém livro em que analisa a obra do músico americano

Dominik Giusti

dominik.giusti@diariodopara.com.br

O filósofo Daniel Lins apaixonou-se por Bob Dylan. E desse sentimento, viveu uma relação intensa de leitura, pesquisa e escritura, que resultou no livro “Bob Dylan - A Liberdade que Canta”, que será lançado neste sábado, 9, às 11h, na loja de discos Discosaoleo, no bairro da Campina, em Belém. A publicação traz um questionamento norteador: pode a filosofia falar de rock? Ao que parece, o autor empenhou-se nessa questão e fez uma obra com quase 600 páginas abordando a vida do cantor e compositor norte-americano, desde o início até o Prêmio Nobel de Literatura, que ele ganhou em 2016, e suas composições. Tudo isso entremeadado com pensamento de autores como Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Michel Foucault, entre outros.

O livro teve origem em uma provocação da filósofa Márcia Tiburi, que convidou Lins para participar do programa “Café Filosófico”, na TV Cultura de São Paulo. Uma das temáticas era rock e metafísica, e ele, já um fã de Dylan, voltou-se ao tema a partir das letras de músicas e poesias do artista. Acabou que Lins perdeu a medida do interesse e transformou esse pontapé inicial numa desviada missão de estudo, como acadêmico que é (ele

é professor-pesquisador da **Unicamp**, de Campinas). E depois de cinco anos, tendo o projeto do livro o acompanhado por onde passou, entre sete países e 14 cidades brasileiras, ele se revela ainda mais ligado ao artista. Uma das cidades que ele lembra de ter começado a obra é, inclusive, o município paraense de Santarém - foi em Alter do Chão que Daniel Lins cunhou as primeiras linhas do livro.

“Nunca pensei que iria escrever um livro, mas a história do Bob Dylan me envolveu. Ele jovem sai do interior dos Estados Unidos, de Minneapolis, onde vivia com a família, que era classe média privilegiada. O chamavam de matuto, ele era desajeitado. Com 1,69m - baixo para os padrões de lá, as unhas não muito limpas, ele pensava em como dobrar esse clichê do homem forte norte-americano, forte, grande e falante. Chegou em Nova York com 20 anos e começou a frequentar e tocar nos espaços de blues e folk e para se manter, ele precisou se reinventar, ele criou então o Bob Dylan, um artista que ele dizia que não tinha nem pai nem mãe e havia passado parte da infância entre índios e ciganos, que havia passado fome e surfava nos trens. Eram histórias que ele inventava”, conta Daniel.

NARRATIVAS

O filósofo explica que essas invencionices da cabeça de Dylan acabaram por transformar a sua vida: as narrativas foram incorporadas como verdadeiras

AUTÓGRAFOS

Lançamento do livro “Bob Dylan - A Liberdade que Canta”

Quando: Sábado, às 11h

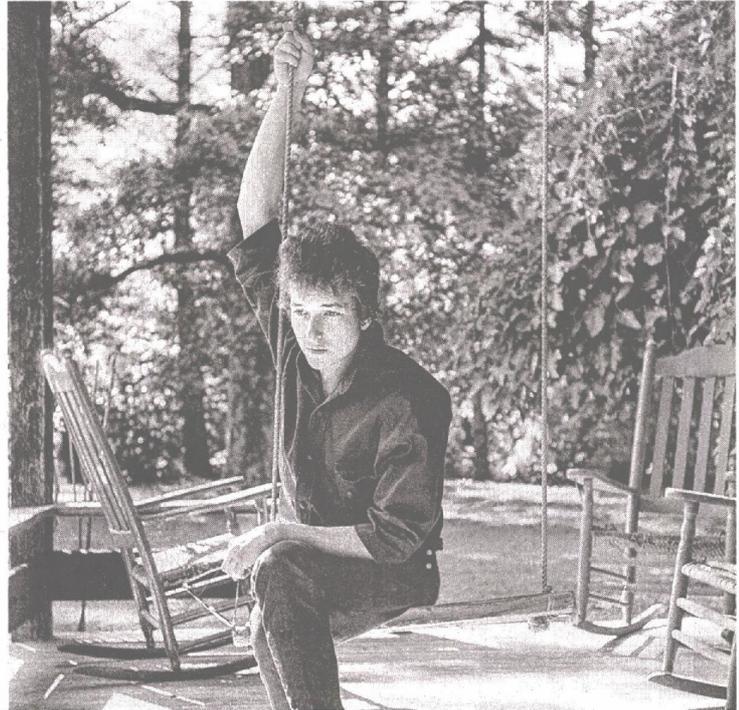
Onde: Loja Discosaoleo (Tv. Campos Sales, 62B - Campina)

Quanto: Entrada gratuita

Informações: (91) 3083-1758



nos ambientes pelos quais frequentava e o mantiveram blindado de ser excluído dos círculos artísticos. Além disso, astuto e sagaz, Lins descreve o artista como um “rato de biblioteca” e sugere que isso possa ter auxiliado sua estratégia de sobrevivência ao longo da vida, inventando cada vez mais histórias sobre si mesmo. “No livro eu conto o que ele lia”, adianta o autor, acrescentando que quando ele colocava-se a falar, os presentes prestavam atenção em suas palavras. Como uma metralhadora que dispara palavras, ele compunha e também falava, posicionando-se de maneira a desafiar os costumes e o poderio norte-americano.



Fã de Dylan, o autor Daniel Lins levanta um questionamento no livro: pode a filosofia falar de rock?

FOTO: DIVULGAÇÃO

Um artista com mais de 20 nomes

Para o autor, por toda essa trajetória, pelo seu posicionamento diante da sua existência e pela vida na arte, Dylan tem ligação íntima com a filosofia. “No livro eu busco narrar essa invenção dele por ele mesmo. Só de nome ele mudou 20 vezes, como artista, mudava de pseudônimo para Dillion, Roberto, e assim

por diante. Esse nomes demoravam seis meses, um ano, e ele aparecia com outro. Ele dizia que quando ia dormir já esqueci todos os meus nomes, e quando acordava também, dizia que já não sabia quem era, nem onde estava, qual era seu verdadeiro nome. É uma tirada filosófica, e os jornalistas não estavam habituados com esse tipo

de raciocínio. E ele era grosseiro com jornalistas e tirava onda. Até hoje é assim, tanto que não foi pegar o Prêmio Nobel de Literatura - a Patti Smith foi no lugar dele, que é a sua grande amiga. Acho que isso condiz com a sua postura, estranharia se ele fosse pegar. Estava ocupado com shows”, analisa o autor do livro.